

PRODUTOR: Emissora Nacional ☒

RDP ☐

Nº. de referência: 1

Título: "O RETÁBULO DA PESTE"

Título da Série: MINITEATRO

Autor (obra original): BERGMAN, JINGMAR

Adaptador: ?

Realizador: ?

Locutor: ?

Data de produção: 5/3/1975

Data de Emissão: 12/3/1975

Nº. de Episódios: 1

ACTORES	PERSONAGENS
BRANCO ALVES	NARRADOR
LYGIA TELES	RAPARIGA
RUI DE CARVALHO	JOES
SINDE FILIPE	CAVALHEIRO
EUNICE MUÑOZ	FEITICEIRA
ARMANDO BORTES	FEDREIRO
ANA DE SA	MARIA
RUI MENDES	ACTOR
MARIA JOSE	LISA
LIA GAMA	CARIN

Estado de conservação: Bom ☐

Razoável ☒

Mau ☐

Tipo de Suporte:

Original ☒

Cópia ☐

Registo Sonoro: Sim ☐

Não ☒

Nº do Registo Sonoro:

[Handwritten signature]

(V.S.F.F.)



Notas:

- Dia. ARTISTICA - GARMEM DOLORES

Indexação: - TEATRO RADIOFÓNICO

PROGRAMA R. 1	PROGRAMA 11
DATA DE ENTRADA 5 MAR 1978	EMISSÃO DE 24/3/78
PEDIDO DE GRAVAÇÃO	15 - 30 HORAS
A GRAVAR EM 12/3/78	VISTO
HORA 10.00	
NÚMERO DO PEDIDO DE GRAVAÇÃO	

MINI - TEATRO

"O RETÁBULO DA PESTE"

da autoria de
INGMAR BERGMAN

PERSONAGENS:

O NARRADOR
A RAPARIGA
JONS
O CAVALEIRO
A FEITICEIRA
O FERREIRO
MARIA
O ACTOR
LISA
CARIN

INGMAR BERGMAN nasceu em 1918, na Suécia. Em 1954 escreveu para os alunos do Teatro Municipal de Malmö, a peça "Tramaling (O RETÁBULO DA PESTE)". Escreveu mais três peças que ele próprio encenou. Realizou mais de 20 filmes, sendo também o autor da maior parte dos argumentos.

Desde os 26 anos que dedica toda a sua vida ao Cinema e ao Teatro, tendo dirigido, como encenador, os mais importantes teatros da Suécia.

NARRADOR- Numa igreja de província do sul da Suécia, vi o assunto desta peça pintado na madeira da parede, logo à direita do pórtico. A pintura data do fim do século XIII e foi inspirada na peste que outrora assolou estas regiões. O artista é desconhecido.

Chamei à minha peça "O RETÁBULO DA PESTE". Ela segue quase exactamente a história contada pelo pintor. Começa perto das janelas do pórtico onde o sol banha com os seus raios uma paisagem verde, e termina quatro metros adiante, num canto sombrio onde se desenvolvem as últimas situações, numa alvorada pálida e chuvosa...

(GESTO PARA AS SILHUETAS, DEPOIS DESAPARECE)

RAPARIGA- Detende-vos, senhores. A ninguém é dado o direito de transpor esta fronteira

JONS- Perdoo-te, rapariga, porque não podês reconhecer-nos.

RAPARIGA- Sou uma pobre rapariga e nada valho. Mas este limite, é interdito ultrapassá-lo.

JONS- E por que não nos traz esse anúncio o teu irmão ou o teu pai, o teu marido ou o teu senhor?

RAPARIGA- O meu irmão está doente. O meu pai não voltou ainda da guerra. E o meu marido morreu há três dias.

JONS- Nesse caso vou entrar e falar com o teu irmão. E ele vai reconhecer-me muito bem, a mim e ao meu senhor.

RAPARIGA- Não! Não avances!

JONS- Compreendo a tua inquietação. Eu e o meu senhor estamos cobertos de poeira, temos esta aparência suja e esfarrapada e perdemos os nossos cavalos. Mas não somos malfetores.

RAPARIGA- Nós temos a peste.

JONS- Oh! É terrível. Sim, o menos que posso dizer é que isso

é desagradável... e...

RAP- Ninguém lhe pode escapar. Não há qualquer remédio, qualquer fuga possível. Sentes este cheiro a fumo? Paira, estagnado, sobre a floresta, desde a madrugada...

JONS- Depois de o dizeres, sinto um não sei quê, a irritar-me as narinas.

RAP- Esta manhã queimaram uma feiticeira, acolá, na encruzilhada dos três caminhos. O povo conta que foi ela a causa da peste. E ela, a bruxa, confessou ter tratos com o diabo.

JONS- Meu Deus! Então não há nada a dizer. É preciso precavermo-nos dessas malditas feiticeiras que provocam as pestes, ou elas atrairão sobre nós novas pragas.

CAVALEIRO-(AFASTADO) Vamos, Jons, basta de tagarelíce.

JONS- Meu senhor quer seguir viagem.

RAP- Qual é o nome do teu senhor?

JONS- Chama-se Antonius Block e é teu senhor tanto como meu, Durante dez anos atravessamos a Terra Santa e mil flagelos sobre nós desabaram. Serpentes morderam-nos, fomos picados por insectos, dilacerados por feras selvagens, massacrados pelos infieis, envenenados no vinho, conspurcados por mulheres, devorados pelas pulgas e vimos as nossas carnes apodrecidas pelas febres, tudo para a maior glória de Deus.

CAV- (AFASTADO) Será preciso chicotear-te para que te cales?

JONS- Estais agora irado, meu senhor. Mas, em boa verdade, a razão está comigo. A nossa cruzada era tão insensata que só um verdadeiro idealista a poderia ter concebido. Adeus, linda rapariga, não temos maneira de recompensar as tuas notícias, mas guardaremos esta dívida para contigo até que nos encontremos de novo no Paraíso... se lá estiveres.

(AFASTAM-SE SILENCIOSAMENTE. MÚSICA FRACA)

RAP- Eles deveriam obedecer, voltar para trás e caminhar por terras saudáveis. Porque eles não viram os olhos dos contaminados, nem as suas mãos, nem o sangue a espumar em volta da boca e do nariz. Não viram o abcesso no pescoço dos doentes. Cada manhã está maior que na véspera e dele escorre uma aguadeira purulenta. Em alguns cresce tanto como uma cabeça de criança, o seu corpo contrai-se e enrola-se enquanto os membros vibram como cordas tangidas pela loucura, Desesperam-se para arrancar o abcesso das suas raízes, mordem as mãos e os

seus grãos rasgam as nuvens. E rolam-se por terra, nos seus leitos, nas veigas verdejantes, e caem e sufocam nas fossas, nos estábulos, nas granjas, nas margens dos rios e ao calor das lareiras. Os homens fogem das cidades contaminadas, fogem para o Norte, cada vez mais para o Norte, mas uma sombra segue-os inexoravelmente, a sombra dum tirano que nenhum sacrifício consegue aplacar.

(SILENCIO.PASSOS QUE SE DECEM)

JONS- Jons, meu pobre rapaz, a floresta está sombria e contudo o sol acabou agora mesmo de desaparecer. Um sapo pousou entre as minhas costelas e aperta-me o coração. Se eu cantasse durante algum tempo: "No mar nadam os peixes e grandes barcos nele navegam"... E aqui grandes homens caem como moscas! Teras tu medo, Jons? Não. Tu não tens medo, meu pobre Jons? Não. Não tens realmente medo, meu pequeno? Sim, tenho. Tenho tanto medo que até me poderia dar alguma coisa má dum momento para o outro, se não tivesse o estômago tão vazio como a própria eternidade. (PAUSA) Quem és tu, linda rapariga? Não receias a escuridão?

FEITICEIRA - Posso acompanhar-vos?

JONS- Eu e o meu senhor vamos repousar. Regressamos da Terra Santa e é essa a razão porque nos sentimos um pouco fatigados, compreendes?

FEIT- Então, vou repousar também.

JONS- Como queiras. Queres vir comigo para aqueles arbustos, acolá ao pé do rio?...

FEIT- (IMPUDENTE E PROVOCANTE) E o que faríamos?

JONS- Então! Poderíamos colher morangos bravios... ou qualquer outra coisa. Há quanto tempo...

FEIT- Se soubesseis quem eu sou não me pediríeis para ir convosco colher morangos... nem fazer o que quer que fosse.

JONS- E quem és tu então, se bem pergunto?

FEIT- Sou a feiticeira queimada esta manhã na encruzilhada dos três caminhos.

JONS- Então verdadeiramente não deverias estar aqui, pois estás morta.

FEIT- É certo que estou morta.

JONS- És portanto um fantasma, e eu não creio em fantasmas; logo não existes, e não podes estar aí sentada a perturbares a

min e ao meu senhor, a menos que nós também estejamos mortos e transformados em fantasmas... E se assim for, não compreendo nada disso e mandarei todos passear e não mais direi uma palavra até ao dia de Juízo Final.

FEIT- Tu e o teu senhor, assististes, com certeza, à execução?

JON- Não, infelizmente. Estávamos ainda muito longe.

FEIT- Pela manhã deixei-me adormecer por um momento; mas quase logo fui acordada pela algazarra da turba em frente da prisão. Tinha medo e pus-me a chorar, mas em vão, porque tudo estava já decidido. Subi à janela e olhei para o pátio. A carreta em que havia de ser levada já lá estava. O padre estava lá também, mas não consegui ver o carrasco. O sol ia erguer-se e não havia uma só nuvem no céu vazio. Olhei então para os homens e comecei a distinguir-lhe a face. As suas vozes, que me atravessavam os ouvidos, eram como gritos de pássaros perversos... Depois olhei para as minhas mãos que se aferravam a uma saliência da parede. Tinha as unhas quebradas e negras de sangue e as articulações brancas do esforço, mas conservava toda a minha força. Então ouvi um rumor de vozes, a porta abriu-se e despenhei-me da parede. Fiquei por terra, a frente de encontro às tábuas impregnadas do cheiro repugnante da palha apodrecida. Eles debruçaram-se, agarraram-me pelo tronco, arrastaram-me pelos ombros e apertaram-me o pescoço com uma garra de ferro. Tinha frio, tinha tanto frio que não podia falar, nem gritar, nem caminhar. Mas eles puxavam-me pela coleira e tinha de os seguir. Arrastaram-me por uma escada abaixo e ao longo de um enorme corredor. De cada vez que caía, sentia-me prestes a abafar. Puxavam-me pela coleira mas não me tocavam no corpo como os outros guardas. Estes não riam nem gracejavam como os outros, os que tinham cortado os meus longos cabelos. Estavam silenciosos, inquietos; arrastavam-me pela coleira de ferro, mas tinham medo. Sabiam que Ele vinha a seguir-me e a sustentar-me pela saia.

Então abriram-se as portas e o sol bateu-me na cara como um grito de luz. O vento da manhã flagelou-nos o rosto com a areia do pátio. Eu estava de tal modo entalada contra as grades da carreta que tinha de levar a cabeça apertada contra o peito e, ao menor solavanco, dores horríveis me possuíam porque o ferro se cravava no meu pescoço. Mas não chorava. A dor veio em meu socorro, as pedras do caminho vieram em meu socorro, o ranger das rodas veio em meu socorro; não havia nada à nossa frente e nada atrás de nós. Fechei

os olhos, mas apesar disso o sol, em grandes vagas rubras, escaaldava, através das minhas pálpebras cerradas. Ouvia o rumor de mil passos e a poeira da estrada era uma névoa que tudo confundia. Em volta de mim sentia o arquejar dos guardas, os seus olhos a dilatarem-se e até o palpar dos seus pulsos. Mas entre nós convencionara-se o silêncio das palavras. Chegados ao local da execução, na encruzilhada dos três caminhos, libertaram-se das peias que me sujeitavam e a cabeça pendeu-me para trás. Acima dos pinheiros, acima de todas as coisas, havia rastos de nuvens como mãos esguias. Senti então a fumarada. Jorrava da imensa pilha de silva a todos fez tossir. A lenha incendiou-se e era uma chama enorme. As nossas faces escaaldavam. Voltei-me e Ele estava aí, mesmo atrás de nós... A sua boca rasgou-se num esgar, os olhos fizeram-se redondos e claros, chegou-se mais para mim, senti-lhe o hálito queimar-me as faces e Ele pousou a mão no meu quadril. Voltei-me para a sarça ardente e para a turba que por detrás dela adivinhava, coloquei as mãos acima da cabeça, afastei os dedos, ergui-me na ponta dos pés, elevei-me o mais alto que pude e ri... ri com um riso de criança. Depois puz-me a chorar e súbitamente os meus gritos começaram a ser penetrados por palavras como peixes a atravessar uma corrente:

A roda pôs-se em marcha
E a areia desliscou
Pia uma ave nocturna
E tudo se animou.
Uma árvore vai tombar
A víbora estremeceu
Porque a roda vai parar.
O silêncio cai dos céus
A legião santa voou
A roda já está parada
E a areia já secou.
A montanha está a ulvar
E as torrentes a bramir.
Agora que eles chegaram...

Neste preciso momento bateram-me na boca com uma vara e caí por terra. Pregaram-me a uma longa escaida, clovaram-na através do fogo e as chamas voaram para mim, envolveram as minhas roupas e antes de cair na fogueira, com a cabeça para a frente, toda eu ardia já como um archote. Então eles cantaram um salmo, mas EU JÁ NÃO TINHA MEDO. Ele ergueu o seu

corpo enorme ante mim, e mergulhamos numa torrente profunda
... As águas tragaram-no e não tive então mais frio...

(PAUSA LONGA.SILENCIO.PASSOS)

FERREIRO- Desculpem-me se incomodo. Mas, algum de vós viu a minha mulher?

JONS- Não. Em boa verdade te digo que não encontrámos ainda nem um gato.

FERREIRO- É pena.

JONS- Perdeste-to dela, então?

FERREIRO- Fugiu. Fugiu com um actor.

JONS- Se elle teve esse mau gosto, fazias melhor em deixá-la ir e não lhe dar a honra de andar, desse goito, à cata dela pelo meio da floresta.

FERREIRO- Tendes razão, senhor. A minha intenção era espancá-la...

JONS- Ah! Então o caso é diferente.

FERREIRO- Além disso também vou espancar o jogral.

JONS- Já os há em demasia como elle e, ainda que nada tivesse feito, deve ser espancado pela simples razão de ser um jogral.

FERREIRO- Pois sim; mas a minha mulher interessou-se sempre pela arte dramática...

JONS- Foi mesmo essa a sua desgraça.

FERREIRO- A sua desgraça, mas não a minha, porque é evidente que quem é a desgraça em pessoa, não pode ser atingido por qualquer espécie de desgraça. Serás tu casado?

JONS- Eu?! Com vezes ou talvez mais; já nem posso contar as mulheres que tive, com a facilidade com que ellas me aparecem nas minhas jornadas.

FERREIRO- Asseguro-to que uma mulher é pior que cem, a menos que eu tenha sido atingido mais duramente que os outros miseráveis homens deste mundo miserável. E isso muito me espartaria.

JONS- Sim. É um inferno com mulheres e o mesmo inferno sem ellas, e por isso, já se vê, o mais lógico é espancá-las enquanto nos divertimos quanto podemos.

FERREIRO- Estopadas e sopas mal feitas, gritos e cucuiros borrados, unhas crescidas e maldades, questões e o estupor da so-

gra. E depois, quando ao fim de um dia de trabalho nos queremos deitar e dormir, tudo recomeça: lágrimas e lamentações sem fim.

JONS e } (UNISSONO) Porque não me dizes boa noite com gentileza?
FERREIRO } Porque não me cantas uma canção? Porque não me amas como outrora? Então não reparaste na minha camisa nova? Contentas-te em voltar-me as costas e desatar a rressonar?

JONS- Ah! Sim.

FERR- Ah! Sim. Então o pelotiquero chegou, tresandando a perfume, tão cheio de lisonjas como tu de tripas. Tocava uma lira excomungada, e punha-se a suspirar e a chorar com as duas bochechas rosadas e os olhos muito azuis. Entrava e saía lá em casa, sempre a fazer piruetas de rabo alçado como um gato em Janeiro. E aqui estou eu, com uns cornos tão grandes que não posso entrar pela porta da igreja sem me curvar.

JONS- E depois puseram-se a andar?

FERR- Mas eu vou apertá-los com a tenaz, Bator-lhes no peito com este martelinho e acariciar-lhes docemente o crânio com um grande malho que lá tenho.

(CHORA)

JONS- Que diabo estás tu a fazer? A chorar?

FERR- Sim. Olha para o pobre ferreiro. Ele choraminga e geme como um gatinho a quem vão afogar.

JONS- Então já não compreendo absolutamente nada. Sim, pelo que ouço acabas de te libertar de uma autêntica megera.

FERR- Tu não compreendes.

JONS- Ah! É o teu amor próprio explicado.

FERR- Isso é o que menos me importa.

JONS- Então não és homem. Verdaderamente não és.

FERR- É talvez porque a amo.

JONS- Ora vejam!!! É talvez porque a amas! O amor é uma palavra diferente para definir desejo, mais desejo, mais desejo, mais uma enorme porção de fraude, de ludíbrio, de falsidade, numa palavra, de mentira. O amor é a mais negra das pestes e se alguém morresse dele, essa porcaria serviria para alguma coisa; mas o amor passa, passa quase sempre, embora haja alguns imbecis que de tempos a tempos morrem de amor. O amor é tão contagioso como um resfriado, e rouba o teu sangue, as tuas forças, a tua independência e a

tua moral, se a tiveres. O amor é uma careta fatigante que termina num bocejo. Se tudo é imperfeito neste mundo, o amor é a coisa mais perfeita, dada a sua perfeita imperfeição.

FERR- Tu deves ser feliz, por teres essa língua tão desembaraçada e até por acreditares nessa lenga-lenga.

JONS- Meu caro senhor, permiti-me fazer-vos sentir que eu li, ouvi e vivi a maior parte dos contos de fadas que nos contam. Sim, eu próprio engoli, sem experimentar grandes emoções, todas as histórias da carochinha sobre o Padre Eterno, os Anjos, Jesus Cristo e o Espírito Santo.

FERR- Tem cautela. A floresta está escura e a noite aproxima-se. Tem cautela com o que dizes.

JONS- Eis o meu Evangelho: o meu ventre pequeno é o meu universo, a cabeça a minha eternidade e as minhas mãos dois sóis esplêndidos. As minhas pernas são os pêndulos malditos do tempo e os meus pés sujos os dois pontos de partida perfectos da minha filosofia. O meu mundo é um MUNDO DE JONS, um mundo como os outros, accitável para ninguém salvo para mim, ridículo para toda a gente e para mim também, absurdo para o Céu e sem interesse para o Inferno. Tudo isso vale exactamente um bocejo. Com uma diferença: um bocejo encerra outras delícias.

FERR- Aí, aí vem outra vez aquilo.

JONS- Que te deu?

FERR- Penso na minha mulher, sabes tu... Ela é tão bela... Tão bela ... Tão bela que não se pode descrever sem uma lira.

JONS- Precisamente isso fez o joral.

FERR- O seu sorriso é como a aguardente, os seus olhos como frutos bravios, e as suas nádegas, duas peras saborosas. Sim toda ela é um morangal; vejo-a diante de mim com os seus braços como pepinos deliciosos...

JONS- Muito bem! És um mau poeta mesmo quando estás bêbado e essa tua cultura de hortelão aborrece-me.

CAV- (AFASTADO) Vamos embora.

FERR- Será que vos posso acompanhar durante um pedaço de caminho?

JONS- Se acabares de choramingar podes. Se não, largo-te. A Feiticeira também nos segue. Como vês, é uma bela sociedade.

(AVANÇAM.MÚSICA)

FERR- Olha, a lua está a aparecer!

JONS- Então verçmos melhor o nosso caminho.

FEIT- Eu não gosto da lua.

(A MÚSICA PARA)

FERR- As árvores estão tão quietas estas noite!

JONS- É que o vento parou de soprar.

FERR- Quero dizer que elas estão... como mortas.

JONS- Aiiii! O que é isto?

FEIT- São os morcegos que todo o tempo têm voado por sobre o caminho a roçar as nossas faces.

FERR- Que silêncio! Se ao menos se ouvisse uma raposa.

JONS- Ou um mocho.

FERR- Ou o uivo de um cão.

JONS- Ou uma voz humana diferente.

FEIT- O luar deslumbra-nos de tal maneira que para pouco servem os nossos olhos.

JONS- É perigoso o luar. Não o sabeis?

(CAMINHAM EM SILÊNCIO)

MARIA- Poderá alguém indicar-me a estrada que leva à fronteira? Vejo que esta é uma simples vcreda. Julgo que estou perdida.

JONS- Se nos seguires, encontrarás a peste, a menos que a peste te encontre antes disso.

MARIA- É justamente da peste que eu tenho receio. Tirei o meu menino do berço e desde o princípio do dia que ando, ando, sem ter encontrado viv'alma. Algum de vós terá um pedaço do pão?

JONS- Toma lá um bocado do meu último pão. Se o puderes trincar és mais forte que eu. É bem verdade que tenho apenas dois dentes!...

MARIA- Obrigada.

FERR- Atenção a todos. Chegou a ocasião. O que scrá que distingo por detrás daqueles troncos senão a minha doce cara metade na companhia dum jogral! Tomem os sous lugares, senhoras e senhores, porque vai agora haver uma exccução! Boa noite, minha querida esposa. Ao que vejo estais a dar um pequeno passeio nocturno com o vosso cãozinho de regaço... Ou lá como chamais a isso que anda em torno de vós, aí à esquerda!

ACTOR- És tu o imundo Ferreiro, que insultas a dama do meu coração a encantadora Conegundes?

FERR- Ela chama-se Lisa. Lisa, a tola ou a bácora, a víbora, a infiel, a barregã, a imunda, e tudo aquilo que tu mesmo possas encontrar de mais sujo, monte de esterco!

ACTOR- E tu, bastardo repugnante de sete cachorros sarnentos! Se eu estivesse metido nesses farrapos piolhosos, teria tal vergonha do meu hálito, dos meus gestos e da minha voz, numa palavra, de toda a minha pessoa, que apressadamente teria purgado a natureza da minha fisionomia incómoda.

FERR- E eu vou tratar a tua língua de tal sorte que nunca mais poderás representar as tuas facécias, nem sequer entre os canibais ou outros infieis.

ACTOR- Quanto a mim vou dar-te um pontapé com tanto amor que as entranhas te sairão pelas orelhas fora...

LISA- Olhai para mim senhores, olhai para mim, pobre mulher desesperada. E depois escutai estes homens! Olhai para o Actor! Escutai sobretudo a sua voz.

ACTOR- A minha voz! Ah! sim a minha voz, o meu instrumento vocal.

LISA- Sim, na verdade tu tens uma voz e tens também calos nos pés. No entanto, isso não significa que sejas um ser humano.

JONS- É um truão. Proponho que todos juntos ponhamos fim a esta questão espancando o Actor.

LISA- Senhores, compreendei-me. Quando ele me ciciava lindas palavras ao ouvido, não sabia que eram réplicas do seu repertório! Quando me beijou pela primeira vez, não admiti, então, que essa cena tivesse sido já ensaiada perante um severo director de teatro ou em frente de um espelho poeirento. Quando a barba me fazia cócegas tão docemente, não sabia que era uma barba postiça; o seu sorriso era uma fiada de dentes falsos cada vez mais apodrecidos lá para o fundo da boca. Os seus perfumes roubou-os; as suas canções foram surripiadas; e os gestos vi-os fazer a alguém antes de os usar. Senhores! Poder-se-à dizer com verdade que um actor seja um ser vivo como todos nós?

ACTOR- Se julgais que vou fazer a defesa do que para mim é a chamada realidade, muito vos enganais. Sou um actor sem teatro, um fantoche sem cordelinhos, um poeta sem poemas, um amante sem amor. Os próprios piolhos do mim nada pretendem. Pois bem, senhor, eu lanço por terra a minha espada de ma-

deira. Não tenciono defender-me.

FERR- Mas eu preciso que te batas comigo ou doutra maneira não te poderei espancar. É preciso que me excites para eu me torne tão furioso como agora.

ACTOR- Vamos, eu vou brandir o meu punhal e aplicar a ponta de encontro ao coração; não terás mais que empurrar um pouco para que a minha inexistência depressa se transforme numa sólida e inegável realidade: a evidência absoluta do cadáver!

LISA- Faze então alguma coisa! Não sejas tão mole. Este homem é uma vergonha tanto para ti como para ele próprio. Vai liquidar esse miserável! Ele suplica-te que o faças. (PAUSA) Então? Não queres? Eu o farei com as minhas próprias mãos.

(EXECUTA)

ACTOR- (FAZ UMA GRANDE CENA DE MORTE) Ai! Ai! (PAUSA) Eu morro...

JONS- Partamos. Sinto-me mal disposto.

FERR- Talvez tivesse comido alguma coisa que não te assentou bem.

JONS- Ainda não comi nada hoje.

(AFASTAM-SE.O ACTOR LEVANTA-SE E OLHA EM TORNO DELE PARA SE CERTIFICAR DE QUE NINGUÉM O VÊ.CONTEMPLA O PUNHAL E A SUA SITUAÇÃO.O ACTOR FAZ A SUA REPRESENTAÇÃO PARA ELE PRÓPRIO).

ACTOR- Já partiram? Sim, já partiram. Bem, então posso-me levantar. Onde está o meu punhal? Ah! Ali! Quase tenho vergonha que não seja um punhal de teatro, e que não tenha sido uma morte a valer. Ao mesmo tempo, sinto-me lisonjeado, pois eles acreditaram na minha morte. Estou aqui, tenho vergonha e sinto-me lisonjeado, embora o meu público tenha desaparecido entre as árvores já há muito; mas agora acho desagradável esta situação de ter vergonha e estar simultaneamente lisonjeado... No entanto, é vaidade estar contente consigo próprio por ter vergonha e estar lisonjeado. Mas... se começo a reflectir na minha vaidade, vou ter dores de cabeça por sentir vaidade em estar contente comigo por estar desgostoso em ter vergonha e sentir-me lisonjeado! (VOLTA-SE BRUSCAMENTE) Socorro! Quem és tu? Que vens aqui fazer?

RAPARIGA- Venho procurar-te do mando dum senhor negro e muito severo. Ele diz que tem precisão do acompanhamento da tua lira. Vais marcar a dança esta noite. Lá adiante, junto à pedra que define a fronteira.

ACTOR- Não tenho tempo para isso.

RAP- O senhor previa já essa resposta. Manda dizer que tu mentes.

ACTOR- Tenho o meu espectáculo.

RAP- Foi adiado.

ACTOR- O meu contrato...

RAP- Foi anulado.

ACTOR- Os meus filhos, a minha família...

RAP- Vivem melhor sem ti.

ACTOR- Então não há fuga possível?

RAP- Nenhuma.

ACTOR- Nenhuma evasiva, nenhuma excepção à regra?

RAP- Não. Não há qualquer possibilidade.

ACTOR- Deve ser um amo implacável.

RAP- E. É implacável.

ACTOR- Vamos, vamos antes que ele se encolerize.

RAP- Porque suspiras?

ACTOR- Suspiro. Muito simplesmente. Será proibido?

(VENTO.MÚSICA)

NARRADOR- Os viajantes estão muito, muito fatigados. Atingiram neste momento uma clareira em plena floresta e aí tentam repouso afundados no musgo alto. O silêncio da noite que cada vez mais se adensa, apenas é rasgado pelo vento que agita levemente a copa das árvores. E eles percebem também o seu próprio respirar e o pulsar das suas artérias. Maria afastou-se alguns passos e sentou-se com o menino no regaço. Olha para o luar que perdeu a sua imobilidade funérea, e se tornou estranhamente inquieto.

MARIA- Naquela manhã de estio, a Virgem Santa, veio ao poço buscar água. Nas pedras recobertas de musgo, os lagartos tão depressa brilhavam ao sol escaldante como já deslisavam na sombra. Então ela debruçou-se no parapeito esburacado e contemplou o espelho escuro das águas que luzia lá no fundo. As suas faces tinham emagrecido e os olhos meigos e tristes pareciam enormes. O menino tinha-lhe pesado como nunca, nessa manhã em que caminhara debaixo do calor ardente do sol. E então ela chorou. Chorou por algum tempo e as suas lágrimas tombaram uma a uma na água do poço. Quando findou o seu breve pranto, sentiu-se um pouco melhor, contente quase. E

trouxe então a água na sua bilha. O sol faiscava nos frescos regatos e algumas gotas salpicaram a saia encarnada e os seus pés nus. Tirou o sal das lágrimas que lhe queimava as faces e bebeu um pouco de água fresca. Bebia nas mãos juntas, como uma taça. Então, o menino agitou-se no ventre, e ela riu abertamente no meio da sua solidão. Endireitou-se, as mãos estreitadas contra o corpo e levou a bilha segura nos braços fortes e trigueiros. Depois subiu os poucos passos da encosta que levava a casa do carpinteiro. A despeito da caminhada ao sol faiscante dessa manhã, os seus passos tinham a ligeireza de um bailado. Da estrada chegavam os latidos teimosos dos cães e os gritos dos pastores que levavam os seus rebanhos montanha acima, para a sombra refrescante dos olivais... Foi esta a minha canção sobre a Virgem Maria.

(O VENTO VOLTA, MAS AGORA COMO SUSPIROS PESADOS E LONGOS, TERRÍVEIS. A LUZ DIABÓLICA É, POUCO A POUCO, VENCIDA POR UMA ALVORADA ACINZENTADA. CARIN ENTRA PELA ESQUERDA. TALVEZ TIVESSE SIDO A CANÇÃO DE MARIA QUE LHE DEU FORÇA PARA SE LEVANTAREM OU TALVEZ O VENTO OS LEVE A APERTAREM-SE UNS CONTRA OS OUTROS, OLHANDO O CÉU. MARIA, ENTRETANTO, FICA SENTADA E EMBALA O SEU MENINO).

JONS- Poderá alguém dizer-nos exactamente onde nos encontramos?

CARIN- Voltastes ao vosso ponto de partida, o marco da fronteira. Andastes muito, mas pisastes os próprios passos, e eis-vos de novo aqui, à espera e tiritando com o frio desta madrugada. O vento começou já a soprar e as nuvens acastelam-se no horizonte, tornado cor de chumbo pela luz pálida do dia que vai nascer.

CAVALEIRO - Quem és tu?

CARIN- Eu sou a mulher do cavaleiro Antonius Block. Deixei o meu castelo fugida à peste e vim com a última leva... Não me reconheces então?

CAV- O que fazes aqui?

CARIN -Vês aquelas fogueiras lá ao longe? Ouves aquela música? São os soldados do outro reino que vedaram a fronteira com uma alta barreira que atravessa o nosso de lé a lé. E há soldados em todo o lado, e nenhum habitante das terras contaminadas pela peste a poderá atravessar. Apenas nos resta aguardar.

CAV- Aguardar? E o quê?

CARIN- Nada. A peste. Pobre Antonius Block, meu pobre amor, será

que tu não me reconheces? Agora vejo bem que és tu. Há algo no teu olhar, algo na tua face fechada e desfigurada pelo terror, onde posso ainda ver o jovem que partiu há tantos e tantos anos. Foi divertida a vossa cruzada, então? Mataste uma boa porção de infieis? Batestes-vos como bravos e quebrastes muitas lanças e espadas? Fizestes muitas orações junto ao Santo Sepulcro e violastes muitas mulheres?

CAV- Sim. Estou um pouco fatigado.

CARIN- Tens frio? Queres o meu manto?

JONS- "No mar nadam os peixes e grandes barcos nele navegam."

CARIN- Silêncio. Não ouvís?

JONS- Ouvimos o quê?

CARIN- Agora os galos cantam no outro reino, ali, onde a alvorada já alcançou o prado. Neste momento, os fogos extinguem-se. O vento acalmou e a chuva começa a cair muito suave e silenciosa. E agora estamos aqui todos juntos, à espera daquele que já se aproxima de nós. É um homem poderoso, um cavaleiro, um senhor de alta linhagem. Seguem-no uma jovem e um pelotiqueiro com a sua lira. E dirigem-se para aqui, para nós, através do silêncio, da chuva e da alvorada.

(UM LONGO SILÊNCIO)

JONS- Bom dia, Alto Senhor. Estamos aqui reunidos à vossa espera. O meu nome é Jons, um figurão que tagarelou menos mal durante o longo passeio que foi a sua vida. Acolá encontra-se um cavaleiro magro e miserável, que debaixo do seu chapéu abriga um mundo de pensamentos febris e tortuosos.

CARIN- Eu sou a mulher do cavaleiro. Ali adiante, está uma jovem feiticeira que dizem ter entendimentos com Satanás. Por essa crença, foi queimada viva e nesta hora penso que está profundamente decepcionada.

FERR- Eu, sou ferreiro de meu ofício, e bastante hábil, sem falsa modéstia. A minha mulher Lisa, que está aqui - faz uma reverência ao Alto Senhor, Lisa - torna-me a cada passo o viver difícil e até acontece uma vez ou outra alguma sarrafusca, mas não mais do que em grande parte dos lares.

LISA- Foi tudo por causa do jogral, podeis perguntar-lhe. É aquele, lá adiante.

FERR- Cala-te, Lisa. Aquela mulher ali assentada, chama-se Maria. Correu dia e noite para escapar à peste, menos por ela que

pelo seu menino. No entanto, agora, ela espera tranquila...

CAV- Senhor implacável, quereis ouvir-me? Em cada manhã e em cada noite ergo os meus braços para Deus e para os santos. Grito muitas vezes aos ouvidos dos santos para ser escutado. Por vezes sou abalado por uma certeza absoluta. Através das névoas de apatia da minha alma, a presença de Deus atinge-me como a pancada de um enorme pêndulo. E subitamente o vazio da minha alma enche-se de uma música, quase sem notas, mas como que trazida por inumeráveis vezes. Então eu grito através das trevas que me rodeiam, mas o meu grito é um sussurro: PARA TE GLORIFICAR, MEU DEUS! PARA TE GLORIFICAR! EU VIVO PARA TE GLORIFICAR! Assim eu grito nas trevas. Então trazido pelos meus nervos, acontece o terrível... A certeza extingue-se como dissipada por um sopro. O imenso relógio pára e as trevas pulsam ainda mais negras, apertam-me o pescoço e abafam-me a garganta. Então, as maldições surgem do meu ventre, dos meus cabelos e dos meus olhos, semelhantes a bestas selvagens que espreitam a presa, semelhantes a pequenas serpentes escorregadias, semelhantes a aves de mau agouro gritando surdamente... Então, as minhas trevas empapam-me em sangue e as feridas supuram.

JONS- Salvo todo o respeito que devo ao Alto Senhor, peço-te para pões fim aos teus gritos. Nas trevas onde dizes que te encontras - onde todos nos achamos, provavelmente como pequenos planetas idiotas - nessas trevas não trevas não encontrarás ninguém para escutar as tuas lamentações, ninguém para se enternecer com o teu sofrimento. Enxuga as lágrimas e vai mirar-te na tua própria indiferença. Talvez me tivesse sido fácil ter-te dado uma erva que te curasse dessas angústias metafísicas. Agora parece-me tarde, muito tarde! Aproveita por isso estes últimos minutos para saborear o triunfo enorme de rolar os olhos e mexer com as orelhas.

(EXECUTA VOLUPTUOSAMENTE)

CARIN- Calai-vos! Calai-vos!

JONS- Eu calo-me, mas contrariado. Neste momento sinto-me um pouco intimidado, confesso, mas se vou estourar, não há-de ser por minha livre vontade e sem oposição... com todo o respeito que devo ao Alto Senhor.

CARIN- Silêncio. Agora o plotiqueiro tange a sua lira. O Alto Senhor pede-nos que dançemos. Ele quer-nos de mãos dadas, e assim iremos dançar numa longa cadeia. À frente vai o Alto

Senhor e o músico fecha o cortejo. Vamos deixar a alvorada,
e vamos caminhar para o país das sombras enquanto a chuva
lava as nossas faces.

(SUSSURRADO): Preparai-vos para a dança meus filhos. O Al-
to Senhor impacient-se facilmente e a música acaba de...

(ELA CALA-SE. MÚSICA DE CORDAS.TODOS INICIAM UMA DANÇA SOLENE)

==F==I==M==



D.S.P.
R.P.L.

Programas com composição

FOLHA DE PRESENÇAS

Título do programa *Miniteatro - O Petate da Peste de Referência* } N.º/R.P.L. *212*
Ingmar Bergman } N.º S.P.P. *-*

Episódio N.º *-* Datas { da gravação *12* de *março* de *1975* às *10.00* horas.
 da 1.ª emissão *24* de *março* de *1975* Programa *16, 30 h.*

Director artístico *Charmes Dolores* *Almeida*

ELENCO DO PROGRAMA

Nome dos artistas ou vozes	Figuras	Rubrica dos intérpretes
<i>Branco Alves</i>	<i>O narrador</i>	<i>Aguiar</i>
<i>Lúgria Teles</i>	<i>A Papariga</i>	<i>Aguiar</i>
<i>Piri de Carvalho</i>	<i>Fora</i>	<i>Aguiar</i>
<i>Sinde Filipe</i>	<i>O Cavaleiro</i>	<i>Aguiar</i>
<i>Eunice Munõs</i>	<i>A Feiticeira</i>	<i>Aguiar</i>
<i>Armando Cortes</i>	<i>O Ferreiro</i>	<i>Aguiar</i>
<i>Ana de Sá</i>	<i>Maria</i>	<i>Aguiar</i>
<i>Piri Mendes</i>	<i>O actor</i>	<i>Aguiar</i>
<i>Maria José</i>	<i>Lisa</i>	<i>Aguiar</i>
<i>Lia Lampa</i>	<i>Carun</i>	<i>Aguiar</i>

Pessoal da Emissora Nacional

Produtor

Locutor

Captação

Gravação *João Santos, Bento Feliz e Manuel Sousa*
Lisboa, de de 196

Visto do Chefe da S.P.P.